

**(RE)PENSANDO E (RE)FAZENDO RELAÇÕES DE GÊNERO: PRÁTICAS
EXTENSIONISTAS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO**

Eixo Temático 14 - Expressões de Gêneros e Sexualidades no Espaço da Escola

Rafael Patrick Bonfanti Silva de Jesus ¹

Lucía Rodríguez González ²

Aline de Mello Freire ³

Beatriz Penha França Gonzaga ⁴

Izabel Armindo Mantovani ⁵

RESUMO

O projeto (Re)pensando questões de violência e desigualdade na educação de meninas e meninos adentra no espaço escolar com o objetivo de discutir com os/as alunos/as as relações de gênero. Tendo como referencial teórico a psicologia escolar crítica, são realizadas atividades que incitam o debate e a reflexão sobre esses assuntos, mobilizam dimensões sensíveis das práticas, corpos e subjetividades e buscam construir percursos livres de estereótipos, violência e discriminação. Trabalhamos com duas turmas do oitavo ano semanalmente em uma escola municipal da Zona Norte do Rio de Janeiro. Nos encontros, os/as estudantes trazem experiências cotidianas de violência, inquietações sobre sexualidade e percepções sobre relações de gênero na escola e na rua, as quais são discutidas coletivamente.

Palavras-chave: Relações de gênero; educação; sexualidade; psicologia; lúdico;

¹Graduando do Curso de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, rafaelbonfantejesus@hotmail.com;

²Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, luciardgonzalez@gmail.com

³Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, aline_mfreire@hotmail.com;

⁴Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, beatrizpenha0@gmail.com;

⁵Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade do Estado Rio de Janeiro - UERJ, izamantovani@gmail.com.

O espaço escolar é considerado um dos principais espaços de formação civil, e por isso, é reconhecido o seu potencial na luta pela igualdade de gênero (MARTINS, 2015, p. 27). Entretanto, abordagens adotadas por algumas escolas para discutir as temáticas que atravessam o gênero e a sexualidade têm sido, ao longo da história, ineficientes. Na atualidade, com o acirramento das forças reacionárias no cenário brasileiro, a pretensão de um ensino imparcial e a ausência de uma educação sexual efetiva têm dominado as salas de aula. Em uma tentativa de neutralidade, na qual se apresenta aos alunos apenas o lado biológico do assunto, percebe-se um não posicionamento frente às questões de violência e desigualdade que, diversas vezes, acaba perpetuando discursos hegemônicos.

Perante esse contexto, o presente trabalho tem como objetivo apresentar as reflexões e práticas extensionistas do projeto “(Re)pensando questões de violência e desigualdade na educação de meninos e meninas” e seus desdobramentos. O projeto de extensão surgiu em 2019 como uma iniciativa preventiva à problemática da violência de gênero e seus diversos atravessamentos. Tomando o contexto escolar como campo para a observação das forças atuantes na subjetividade do indivíduo, a escola é pensada como espaço reprodutor das hierarquizações socioculturais, ao ser uma instituição de relação entre sujeitos e convicções coletivas (PELÚCIO, 2014, p. 158). Nesse sentido, com o propósito de ampliar o debate acerca da violência de gênero e contra as mulheres no contexto escolar, e abordando também outras dimensões da vida social, como sexualidade, raça/etnia, religião e território, são realizadas oficinas que incitam o debate e a reflexão, visando à mobilização do sensível para discutir as experiências de cada aluno/a. A equipe do projeto, formada por graduandos de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e psicólogos/as, está inserida em uma escola municipal da Zona Norte do Rio de Janeiro. No momento, estamos atuando semanalmente com duas turmas do oitavo ano.

A instituição escolar, as relações de poder e as interações entre o corpo docente e discente são observadas a partir da psicologia escolar e educacional em uma perspectiva crítica (VIÉGAS, 2016, p. 15). Em oposição às lógicas individualizantes e adaptacionistas que por muito tempo caracterizaram a Psicologia, usamos este referencial para criticar e transpassar o modelo tradicional clínico que muitas vezes pauta as ações dos psicólogos dentro das escolas. Assim, enxergamos o nosso papel de forma potencializante para perceber e compreender as dinâmicas complexas que fazem parte do cotidiano tanto de cada aluno/a, como da instituição.

Em último lugar, visto que os marcadores do gênero e da sexualidade são atravessados por diversas relações e conexões transformadas pelo ambiente sociocultural, o projeto busca observar cartograficamente com os alunos as interações, reproduções e representações em questão, entendendo-se que as dinâmicas sociais transformam-se constantemente (ROMAGNOLI, 2009, p. 167). Baseando-se nisso, as atividades do projeto contam com práticas lúdicas e relacionais. Isto é, as desterritorializações abordadas são encaminhadas por debates, diálogos e introspecções dos e com os alunos. Com isso, nossas discussões passeiam pelas múltiplas linhas e diversos campos de força que atuam sobre os marcadores de gênero, surgindo como narrativas e escritas a respeito dos seguintes aspectos: pressão estética e insegurança, início da vida sexual, autopercepção como indivíduo contextual, expressões de sexualidades, transformações das relações e papéis de gênero na família, escola e rua. Ou seja, a partir das oficinas, há a escuta dos adolescentes e, com a exteriorização de diversos modos de pensar, percebe-se como resultado gradual e fluido a reflexão e reformulação de moldes normativos.

METODOLOGIA

O projeto utiliza oficinas e atividades variadas como ferramentas para atuação, incluindo dinâmicas que buscam promover o diálogo - e, portanto, o debate - entre os atuantes do projeto e os/as alunos/as da turma. Os encontros ocorrem semanalmente em duas turmas diferentes do oitavo ano em uma escola municipal da Zona Norte do Rio de Janeiro. No ano de 2022, têm ocorrido, até o momento, oito encontros (com cada turma) com diferentes temáticas, envolvendo questões de gênero; sexualidade; regionalidade; e consentimento. A partir de sugestões dos/das estudantes, e levando em consideração o que figura em cada oficina, a equipe do projeto se reúne semanalmente para discutir as observações individuais de cada integrante e as novas atividades que serão propostas. A título de exemplo, serão descritas a seguir três dinâmicas que aconteceram neste ano: “Caixa de Pandora”; “Uma história, um corpo”; “coisas que me encantam, coisas que me desencantam” e “Ei, você quer um copo de guaraná?”.

A equipe executou a atividade da “Caixa de Pandora”, que visa propiciar o debate para o desenvolvimento do senso crítico e a reflexão a respeito de frases naturalizadas em nossa sociedade. A dinâmica ocorre da seguinte forma: com os/as alunos/as em roda, é passada uma caixa ao som de músicas contendo diversas frases machistas mas naturalizadas no cotidiano. Quando a música para, o/a estudante que detém a caixa pega uma frase e a lê em voz alta. Em



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

seguida, perguntamos a sua opinião sobre a frase, abrindo a questão para a turma toda em um segundo momento. A ideia é que os/as estudantes possam se expressar sobre a frase em questão, e com isso, estimular a discussão e reflexão. A atividade prossegue com a música tocando novamente, e a pessoa que leu a pergunta passando a caixa para o companheiro ao lado até a música parar novamente.

Segundamente, foi proposta a atividade “Cada corpo, uma história”, que tem como finalidade suscitar discussões sobre marcadores sociais da diferença, como gênero, raça, classe, território, orientação sexual, religião, e a forma em que eles se expressam no corpo. Para começar, é necessário um papel pardo de grande porte, canetinhas e a divisão da turma em dois grandes grupos. A cada equipe, é solicitada que um/a estudante deite no papel e que outro/a lhe contorne a silhueta do corpo. O desenho é pendurado na parede e é solicitado para que, reunindo-se em grupo, cada aluno/a desenhe um elemento do corpo: traços faciais, cabelo, itens de roupa, tatuagens, etc., contribuindo para a construção da história do/a personagem. No fim, discute-se de que forma esses elementos marcam o corpo e a história da pessoa, por sua vez pertencente a diversos grupos sociais.

Em terceiro lugar, foi realizada a atividade das “coisas que me encantam, coisas que me desencantam”, que corresponde a entregar um papel a cada aluno/a e propor que eles/as escrevam anonimamente, na folha, as cinco coisas que os/as encantam e as cinco coisas que os/as desencantam de uma pessoa, principalmente no sentido romântico. No fim, todas as folhas são embaralhadas e algumas são lidas em voz alta para a turma com o propósito de destrinchar e debater características listadas apoiadas em padrões de beleza, significados atribuídos ao ideal romântico, expectativas de gênero, construções de estereótipos e as experiências subjetivas de afeto.

Por fim, foi realizada a dinâmica “Ei, você quer um copo de guaraná?”, que objetiva proporcionar o desenvolvimento do pensamento analítico e questionador frente ao consentimento dentro das relações sociais e pessoais. A atividade se inicia com a divisão da turma em cinco grupos. A partir disso, por meio de sorteio, os/as alunos/as recebem papéis a serem interpretados em uma encenação interpretativa, apropriando-se de determinado personagem. A dinâmica consiste em “cenas”, onde há as duas figuras principais: o personagem que oferece o copo de guaraná e o sujeito decorrente deste, que, com base no papel sorteado, pode negar, aceitar ou estar inconsciente; e os/as amigos/as dos principais, como observantes-participantes, interpretados pelos/as outros/as integrantes com o objetivo de questioná-los sobre as diferentes possíveis reações do aluno à situação encenada, a depender do personagem com o qual manterá amizade. A atividade transcorre com o rodízio de

diferentes papéis para cada aluno/a. No fim, é desenvolvido um debate com toda a turma a respeito do consentimento.

REFERENCIAL TEÓRICO

Em oposição à lógica psicologizante a individualizante que tradicionalmente tem caracterizado a prática da Psicologia dentro das escolas, o projeto trabalha sob o referencial da psicologia escolar e educacional em uma perspectiva crítica (VIÉGAS, 2016, p. 15). Assim, busca-se exercer um papel, como profissionais e estudantes de Psicologia, que critique e transpasse as demandas individualizadas pautadas pelo modelo clínico tradicional, especialmente aquelas apresentadas pelo corpo docente. Na prática, a equipe do projeto busca desvendar as complexidades que fazem parte não apenas do cotidiano de cada aluno/a, como da própria escola como instituição disciplinadora. Nesse sentido, a criação de atividades lúdicas e debates que incitam a reflexão aparece como uma iniciativa que se contrapõe às visões e ações adaptacionistas da Psicologia.

Já para pensar as atividades e debater sobre as experiências nas turmas, é utilizada a perspectiva da cartografia psicossocial de Suely Rolnik (1989). A escolha teórico-metodológica se deve ao seu caráter participativo na construção do conhecimento e ao seu direcionamento para os territórios dinâmicos e plurais que são produzidos coletivamente, valorizando as dimensões criadoras e imprevisíveis que compõem a experiência. Nesse sentido, a adoção do referencial se torna uma postura ético-política capaz de guiar a construção de um plano comum entre todos os atores envolvidos. Considerando a singularidade de cada um, esse plano comum se caracteriza por sua abertura para reconfigurações, de modo que há uma atenção constante à pluralidade, comunicabilidade e criatividade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por se tratar de um projeto de extensão em andamento, não é possível analisar resultados compactos e conclusivos. De qualquer modo, é possível observar resultados graduais e fluidos nas reflexões e maneiras de atuar dos/as alunos/as a partir das provocações que são semanalmente propostas. Nesse sentido, percebe-se como os debates abrem oportunidades para explorar o sensível de cada experiência, muitas vezes reprimida pela falta de espaço para expressão. Por exemplo, na atividade da “Caixa de Pandora”, ocorreu uma árdua discussão entre meninas e meninos a respeito de situações cotidianas para eles/as, como

a divisão da quadra na escola e as diferenças de gênero nos esportes. No fim, identificou-se como muitos meninos percebiam as próprias contradições, pois mesmo estando bem apropriados dos discursos politicamente corretos, reproduziam pensamentos e práticas machistas naturalizadas. O mesmo episódio, acontece em várias atividades, em que as questões levantadas pela equipe, capazes de gerar auto-contradições, encaminham para enxergar a diversidade e complexidade que permeia cada situação.

Além do mais, algumas discussões têm figurado nos encontros semanais da equipe. A partir do trabalho exercido, percebe-se: a diversidade de temáticas que perpassam a sala de aula; o papel da Psicologia na escola para além das demandas individualizadas pautadas pelas práticas clínicas - especialmente aquelas apresentadas pelo corpo docente-; a importância de trabalhar as diversas violências ultrapassando o discurso politicamente correto; a necessidade de elaborar essas discussões com linguagens e experiências cotidianas transcendendo o campo acadêmico e contemplando a pluralidade das turmas, e ao mesmo tempo, a singularidade de cada aluno/a; e a relevância do trabalho nas instituições por parte de estudantes de Psicologia como contribuição fundamental para sua formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões do trabalho são norteadas a partir das experiências com os alunos, por meio das respostas às atividades propostas. Assim, é levado em consideração o engajamento dos/as alunos/as, as falas e reflexões que possibilitam os debates, as complexidades que permeiam a vida cotidiana de cada um/a e são trazidas à tona, as dúvidas que surgem em relação à temática, e as próprias sugestões deles/as para a criação de outras dinâmicas. Logo, buscamos a intervenção cartográfica ao despertar movimentos para a reformulação de nossas propostas, entendendo o sujeito como participante de uma relação transversal entre o subjetivo e o exterior (ROMAGNOLI, 2009, p. 169).

Em suma, o presente projeto, visando atender às demandas apresentadas pelos/as alunos/as e as propostas do projeto de extensão, auxilia na evidência das representações sociais presentes nas falas dos alunos/as, compreendendo o contexto em que cada um/a está inserido/as. Em última instância, até o momento atual, o projeto tem cumprido com sucesso o seu principal objetivo: promover e ampliar os debates sobre as relações de gênero na educação de meninos e meninas, contribuindo para a conscientização das diferentes violências e desigualdades desde a menoridade.

REFERÊNCIAS

- MARTINS, L. P. *Discutindo gênero na escola: uma aposta de caminho pela transformação da cultura de violência de gênero*. Monografia (Graduação em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2015.
- PELÚCIO, L. Desfazendo gênero. In: MISKOLCI, R.; LEITE, J. J. (Org.). *Diferenças na Educação: outros aprendizados*. São Carlos: Ed. UFSCAR, 2014. 253 p.
- ROLNIK, S. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 1989.
- ROMAGNOLI, R. C. A cartografia e a relação pesquisa e vida. *Psicologia & Sociedade [online]*. 2009, v. 21, n. 2, pp. 166-173. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/zdCCTKbXYhjdVYL4VS8cXWh/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 25 de julho de 2022.
- VIÉGAS, L. S. Novos modos de atendimento à queixa escolar. In: Comissão de Psicologia e Educação (COMPSIEDUC) (org.). *Conversações em Psicologia e Educação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Conselho Regional de Psicologia 5a Região, 2016. p. 13-21. Disponível em: http://www.crprj.org.br/site/wp-content/uploads/2016/10/livro_psicologia_educacao.pdf. Acesso em: 25 de julho de 2022.